

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

ESPAÇOS TEATRAIS, ESPAÇOS DE ESPERANÇA: AS SEDES DOS GRUPOS NÓS DO MORRO DO RIO DE JANEIRO E BANDO DE TEATRO OLODUM DE SALVADOR

Joana Angélica Lavallé

Joana Angélica Lavallé | Doutorado
Linha de Pesquisa | PMC
Orientadora | Prof^{ra} Dr^a Evelyn Furquim Werneck Lima

Cenógrafa e figurinista. É Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2012-2014) e doutoranda do mesmo programa. Atua como pesquisadora do Laboratório de Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana. Iniciou os estudos na Faculdade de Arquitetura da UFRJ, e graduou-se em Artes Cênicas habilitação Cenografia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Possui Licenciatura Plena em Educação Artística na Universidade Cândido Mendes. Teve o projeto “Vem pro viaduto!” selecionado para representar a UNIRIO e exposto na Mostra das Escolas na Quadrennial of Performance Design and Space 2015 em Praga, República Tcheca. Em 2015 e 2016 foi professora substituta da Escola de Belas Artes da UFRJ, onde ministrou as disciplinas Cena e Dramaturgia, Estudos do Espaço Cênico e Cenografia. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Figurino e Cenografia. Atua principalmente nos seguintes temas de pesquisa: espaço teatral, cenografia e William Shakespeare.



XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

ESPAÇOS TEATRAIS, ESPAÇOS DE ESPERANÇA: AS SEDES DOS GRUPOS NÓS DO MORRO DO RIO DE JANEIRO E BANDO DE TEATRO OLODUM DE SALVADOR

Joana Angélica Lavallé

Profª Drª Evelyn Furquim Werneck Lima | Orientadora

Vivemos nas metrópoles brasileiras em um contexto analisado como perverso por Milton Santos (2001). Rio de Janeiro e Salvador, ambas capitais oceânicas, portos que abrigaram a experiência compulsória da diáspora negra, locais de tensões, atritos, diálogos, trocas, hoje marcadas por extremas desigualdades sociais. Aqui toma-se de empréstimo o conceito de *espaços de esperança* de David Harvey, no intuito de pensar a existência de espaços nas cidades passíveis de propagar visões de mundo que de algum modo diferem da ótica dominante.

No livro homônimo Harvey (2006) faz um balanço crítico a respeito da falência das utopias do século vinte que procuraram buscar uma sociedade mais justa. O autor apresenta alternativas de espaços que devem se contrapor à fala amplamente difundida de que não temos alternativa possível. Harvey, no entanto, não trata de espaços teatrais. Para o desenvolvimento da pesquisa é pertinente discutir de que forma ações e poéticas desenvolvidas em determinados espaços teatrais podem vir a ser alternativas em contraponto à visão hoje preponderante das cidades espetacularizadas, voltadas, sobretudo para o turismo e a especulação imobiliária.

Em seus traçados iniciais, esta pesquisa constitui-se como possibilidade de desdobramento da dissertação de mestrado, *Espaços para Shakespeare no percurso de grupos teatrais brasileiros*, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO.

Considerarei questões apontadas na dissertação no capítulo *Experiências de três grupos teatrais brasileiros: fazeres, espaços, cidades* como pontos instigantes a ser desenvolvidos em estudos posteriores. Para tanto a tese em andamento *Espaços teatrais, espaços de esperança* visa investigar os processos singulares da implementação das sedes como locais de difusão de práticas artísticas dos grupos Nós do Morro do Rio e Janeiro e Bando de Teatro Olodum de Salvador. Ambas são atuantes no teatro brasileiro de forma continuada há mais de vinte anos, respectivamente desde 1986 e desde 1990. Os espaços teatrais que funcionam como sedes das companhias são lugares de criação e de encontro com o espectador. Abrigam as contribuições destes grupos em diálogo permanente com as cidades de origem, algo que aparenta ser determinante em seus percursos.

A escolha inaugural da localização das sedes dos grupos ocorreu em áreas que se encontravam fora dos circuitos oficiais de exibição artística, o que parece se acentuar na medida em que dramaturgias próprias são criadas em diálogo com estes locais. Não por acaso surgiram fora da denominada “cidade do espetáculo”, como forma de estabelecer e visibilizar estética e política.

Jacques Rancière frisa o potencial político de experiências de partilha estética como o teatro. A política é essencialmente estética já que, assim como a criação artística, propõe formas de dar a ver acontecimentos, o que inclui a escolha de determinados recortes no tempo e no espaço (RANCIÈRE, 2005).

O baiano Bando de Teatro Olodum é proponente de um teatro negro (WASHINGTON apud SILVA, 2014). O percurso do grupo iniciou-se em 1990 no Pelourinho, centro antigo de Salvador, palco de inúmeras contradições e lugar icônico da cidade, propagado amplamente como circuito turístico. A formação do grupo ocorreu antes do processo de gentrificação da região, como ampliação do conjunto de atividades do bloco afro Olodum junto ao encenador Marcio Meirelles. Estes anos iniciais nos quais o grupo era sediado nesta área, em uma sala da antiga Faculdade de Medicina da UFBA, propiciaram farta matéria-prima para espetáculos fundadores da poética do Bando. A companhia baiana frisa questões emergentes relativas à cidade em sua produção artística. Atualmente a sede do grupo é o Teatro Vila Velha, no centro, junto a outros coletivos artísticos.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

A Favela do Vidigal, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, é o local de origem e sede do grupo teatral Nós do Morro, criado em 1986 pelo diretor e ator Guti Fraga juntamente com o iluminador Fred Pinheiro, o cenógrafo Fernando Mello da Costa, o dramaturgo Luiz Paulo Corrêa e Castro e a professora Maria José da Silva. Ao observar jovens do Vidigal que apresentavam potencial artístico sem oportunidades de desenvolvê-lo, Guti Fraga, morador da área vindo do denominado teatro profissional, visou criar um espaço destinado ao teatro de grupo naquela comunidade. Desta forma delinea-se o objetivo primordial do Nós do Morro: o acesso dos jovens e da comunidade em geral a este espaço voltado para fazer teatro. A trajetória do grupo, cujo *locus* da escrita cênica de Luiz Paulo Corrêa e Castro muitas vezes é o próprio Vidigal, é marcada pelo uso de diversos lugares teatrais improvisados. Ironicamente, para o senso comum as favelas são historicamente apontadas como lugar de ausências (COUTINHO, 2012). Até o momento o grupo conta com dois espaços teatrais em intensa atividade: o Casarão e o Teatro do Vidigal.

Possibilidades cênicas são propiciadas por estes espaços dos grupos, lugares escolhidos como objetos de estudo não em função de um virtuosismo arquitetônico e sim pelas práticas artísticas que ali ocorrem. Até o momento apresentam grande afluência de público a despeito das dificuldades de sobrevivência. Pode-se pensar que estas sedes de grupos teatrais implicam transformações no uso dos espaços, como a valorização da experiência humana, a possibilidade de partilha coletiva de memórias e modos renovados de viver a cidade. Como pode-se notar a partir das escritas cênicas próprias do Nós do Morro e do Bando de Teatro Olodum, a cidade permanece como campo provocativo de possibilidades para a cena (LIMA, 2013). A consolidação das atividades realizadas nestes espaços que concentram e propagam saberes locais parece urgente em um ambiente urbano a cada dia mais desprovido de afetos e de participação popular. Espaços fomentadores do teatro como arte da *pólis* é um terreno fértil para reflexões e ações.

REFERÊNCIAS:

COUTINHO, Marina Henriques. Vidigal, favela, palco e personagem na trajetória do grupo Nós do Morro. In: LIMA, E.F.W. (org.) **Espaço e teatro**: do edifício teatral à cidade como palco /. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LIMA, Evelyn F.W. Representações da cidade na cena e nas políticas públicas. In: Fortuna, Bógus, Corá, Almeida Junior (org.) **Cidade e espetáculo**. A cena teatral luso-brasileira contemporânea, São Paulo: EDUC, 2013, pp. 43-62.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível : estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Joana Angélica Lavallé de Mendonça. **Espaços para Shakespeare no percurso de grupos teatrais brasileiros**: Nós do Morro, Bando de Teatro Olodum e Galpão. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) PPGAC: UNIRIO, Rio de Janeiro, 2014.